

## O Conceito de Cultura e a Saúde Coletiva

### Gil Sevalho

[Médico Sanitarista. Doutor em Ciências da Saúde e Pesquisador da Ensp/Fiocruz]

A interdisciplinaridade entre Antropologia e Saúde Coletiva, apontam Minayo (1998) e Langdon, Follér e Maluf (2012), cresceu no Brasil entre a Antropologia Médica e uma Antropologia da Saúde, sob influência predominante de autores norte-americanos e franceses.

Cultura é conceito antropológico fundamental que pode ser relacionado aos saberes sobre doença e cuidados com a saúde. O conceito é passageiro frequente de viagens interdisciplinares, o que remete a dois aspectos importantes: a interdisciplinaridade de conceitos, como disse Morin (2007), é movimento metafórico, de transporte, feito sempre sob atenta vigilância de conservadores “fiscais da alfândega” que se autoproclamam guardiões do rigor e da legitimidade científica; é comum a interdisciplinaridade para o campo da Saúde Coletiva e da Epidemiologia ocorrer sem o devido lastro histórico das discussões sobre os conceitos desde sua origem nas ciências sociais (Sevalho, 2018). A questão da cultura parece relacionada com estes aspectos, quando, na literatura sobre Saúde Coletiva, percebemos a escassez de abordagens focadas no conceito e suas representações.

Pode-se alegar que cultura é termo polissêmico e de difícil apreensão conceitual, mas podemos pensar que é nisto que reside o potencial de análise e atualização críticas do conceito. Nesta perspectiva se inscrevem sentidos de dominação, domesticação e resistência no contexto de relações de colonização do saber e do ser que interessam cada vez mais à Saúde Coletiva.

Esclarece Williams (2007, p. 118, 121) que cultura era referente ao cuidado com os animais e colheitas e seu sentido incluiu, por metaforização, “o processo de desenvolvimento humano”, envolvendo uma conotação de “civilidade” ligada à ideia de mentes cultas e, como tal, tidas como superiores. Na construção histórica do seu significado, envolvendo o material, o humano, o espiritual, o simbólico, cultura é termo usado para categorizações amplas: como descritor de “um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético”; como indicativo de “um modo particular de vida”, quer seja de um povo, período, grupo social ou da humanidade em geral; como descritor das “obras” e “práticas da atividade intelectual e particularmente, artística”, como música ou pintura. De significação plural, segundo o ponto de vista adotado, cultura admite sentidos contraditórios descrevendo o que permanece ou muda, o moderno ou o primitivo e exótico, o erudito ou o popular, o superior ou o inferior.

Cultura implica necessidade, limite e liberdade, mudança e identidade, o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz, e é assim que para Eagleton (2005, p. 10) o conceito passou

por uma “mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana, da criação de porcos a Picasso, do lavrar o solo à divisão do átomo”. Pelo que “talvez por detrás do prazer que se espera que tenhamos diante de pessoas ‘cultas’ se esconda uma memória coletiva de seca e fome”.

Numa perspectiva epistemológica relacionada ao tempo, para a Antropologia clássica, na investigação de populações estáveis e isoladas, cultura tem a ver com permanência. A respeito deste significado Bauman (2012) sustenta que o conceito de cultura se relaciona com autonomia e vulnerabilidade, quando o projeto antropológico é ajustar tais populações à ordem social dominante. O discurso epidemiológico parece próximo deste sentido quando, com frequência, refere, vagamente, cultura à permanência de hábitos, costumes, crenças, valores, como se o conceito central e suas representações dispensassem, cada qual, a devida elaboração crítica.

Uma contribuição importante para essa discussão vem do pensamento pós-colonial de Stuart Hall, autor jamaicano radicado na Inglaterra que construiu sua teorização para compreensão contextual de um mundo que se urbaniza e se mistura vivendo migrações e diásporas. Hall (2002) entende cultura em termos do compartilhamento de mapas conceituais e sistemas de linguagem. Para Hall, cultura tem a ver com mudança tanto com permanência, tratando-se de um processo de negociação entre o que se traz do ambiente de origem e o que se encontra no de chegada. A negociação é necessária para inclusão social no ambiente de chegada, significando um processo de resistência ou dominação cujo limite é a alienação, a perda de identidade. Cultura, portanto, envolve uma relação entre tradição e tradução. Hall se remete ao indiano Homi Bhabha (1998) ao tratar o processo como tradução cultural e afirmar que toda cultura é híbrida.

Penso que a teorização apresentada se aplica à reflexão sobre relações de resistência diante da opressão e da dominação implicadas na comunicação, na educação em saúde, na medicalização social. A crítica compõe uma Saúde Coletiva posicionada contra a colonização do saber e do ser, na busca do entendimento de um mundo onde fronteiras são cada vez mais tensionadas e permanecem a suspeita, o preconceito, a iniquidade social. ■■■

#### Bibliografia:

- BAUMAN, Z. Ensaio sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BHABHA, H. O lugar da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- EAGLETON, T. A ideia de cultura. São Paulo: UNESP, 2005.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LANGDON, E. J.; FOLLÉR, M-L.; MALUF, S. W. Um balanço da antropologia da saúde no Brasil e seus diálogos com as antropologias mundiais. Anuário Antropológico, 2011-1, p. 51-89, 2012.
- MINAYO, M. C. S. Construção da identidade da antropologia na área de saúde: o caso brasileiro. In: ALVES, P. C.; RABELO, M. C. (orgs). Antropologia da saúde: traçando identidades e explorando fronteiras. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Relume Dumará, p. 29-44, 1998.
- MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- SEVALHO, G. O conceito de vulnerabilidade e a educação em saúde fundamentada em Paulo Freire. Interface, v. 22, n. 64, p. 177-188, 2018.
- WILLIAMS, R. Palavras-chave (um vocabulário de cultura e sociedade). São Paulo: Boitempo, 2007.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*